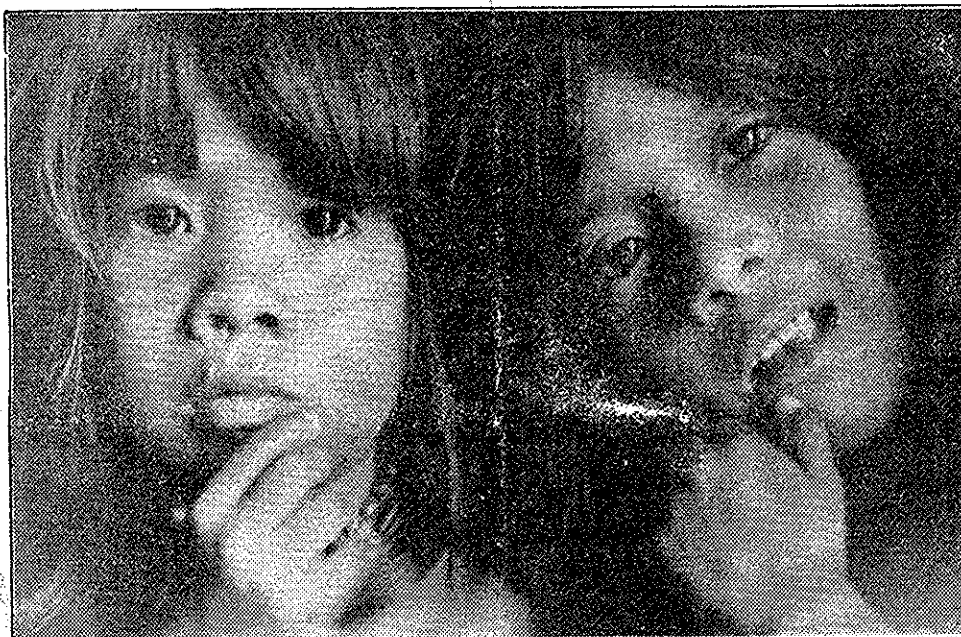
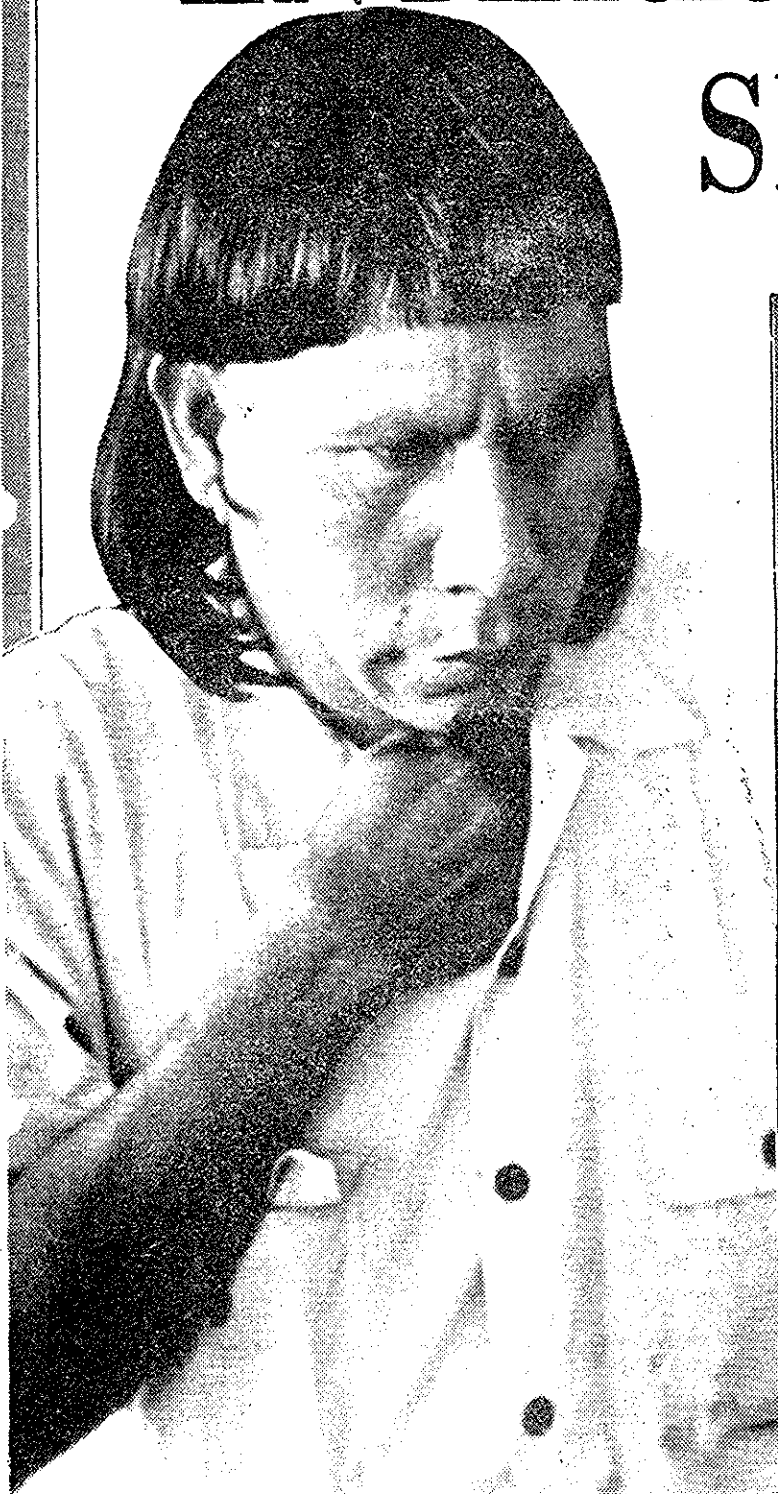


ENTERREM MEU CORAÇÃO NA SERRA DA BODOQUENA

Affonso Romano de Sant'Anna

Arquivo



"Os brancos têm que respeitar os índios, o Governo tem que demarcar as terras dos índios, e nenhum fazendeiro pode invadir a terra do índio e tocar a família do índio de lá, porque o índio não é objeto que todo mundo pode pegar e pôr onde quiser, o índio não é boneca, o índio é homem, é ser humano e é o primeiro dono das terras do Brasil!"

Juruna — Cacique Xavante

Chorei.

Mas, como diz o samba, "pena de mim não precisava, ali onde eu chorei, qualquer um chorava". Estou diante de 40 caciques num auditório da Universidade do Sul do Mato Grosso, em comemoração à Semana do Índio. São 40 "tours sentados", muitos à mesa diretora, outros tantos na platéia. Ao centro, o rosto maciço, vermelho e desabado de Mário Juruna — cacique xavante, que anda sempre com um gravador para registrar as promessas dos brancos.

Há dois dias esses índios assistiram ao fabuloso espetáculo de Antunes Filho — Macunaima. Mário de Andrade, o autor, se vivo, teria presenciado a cena mais bela de sua vida. Jamais ele teria pensado que os índios do coração do Brasil vieram seu personagem.

Durante os debates comandados por Juruna, falamos terenas, falamos kadiweus, falamos kaitiás, falamos carajás, falamos guatóis, falamos xavantes, mas quando fala o índio guarani — Marçal de Sousa, que em sua língua tem um nome mais digno — Tupá-i (pequeno Deus), me arrebeito em lágrimas.

Índios somos nós

De que fala esse índio miúdo, de óculos, com quase 60 anos? Fala da mesma coisa que os outros falam, mas fala diferente, mais fundo e mais forte. Pertence à tradição guarani e realiza aquilo que Pierre Clastres anotou ao estudá-los no livro *Sociedade contra o Estado*: "uma transmutação lingüística do universo cotidiano, em um Grande Falar que se chegou a pensar que era uma língua secreta".

O que Tupá-i fala não tem, contudo, nenhum mistério. É a história do extermínio das nações indígenas. E, de repente, não são aqueles índios que ali vejo. Somos nós todos, índios de segunda classe, já distanciados de nossas tradições e costumes e perdidos na história. Aqueles índios somos nós participando das reuniões internacionais com banqueiros e mendigando empréstimo e ajuda financeira. Aqueles índios somos nós, nas assembleias internacionais do lado escuro e incômodo dos países do "terceiro mundo".

Aqueles índios somos nós, um grupo de intelectuais num seminário em Nova Iorque tentando explicar aos gringos, em língua alheia, os nossos problemas com a política da dependência cultural e econômica e o processo de espoliação a que estamos submetidos há 500 anos. Aqueles índios somos nós, num congresso na Alemanha, também em língua alheia, reclamando da opressão e do acordo atômico. Os mesmos "índios" que se reúnem na cidade de Resende, há poucas semanas, protestando contra a indústria nuclear que se instala atabalhoadamente em nosso país com técnicas e processos já superados e que ameaçam toda a tribo caroca e brasileira.

Juruna: a fúria xavante

Esse cacique xavante tem uma força pessoal incrível. Não falo de seus músculos cheios e da vermelhidão da pele. Ele calado tem mais força que toda a Academia Brasileira de Letras falando. Os índios todos o respeitam. As índias ficam alvoroçadas. É um homem de fala reta e que não tolera lenga-lenga. Por isso anda sempre com um gravador: para não se deixar iludir pelos brancos e políticos. Conversamos. Conversamos. Conversamos. E diz: "Eu gostaria de aproveitar que o governador do Mato Grosso do Sul me convidou para falar na Semana do Índio e contar para todo mundo o que vem acontecendo com os índios no Brasil."

"Dia 29 de dezembro de 1979, fazendeiros da Bahia mataram o líder indígena Angelo Xavier, da nação indígena Pankararé. No dia 29 de janeiro de 1980, mataram o cacique dos Kaingangue, Angelo Kretá, e, no dia 26 de fevereiro, o fazendeiro José Maria de Barros matou dois líderes da nação Guajajara, Mateus e Moacir, na frente da Polícia Militar, que mandou jogar os dois índios mortos no rio Mearim."

"Todo esse ódio dos brancos contra os índios é por causa das terras. Pois o Governo brasileiro criou na lei a Terra Devoluta e cada governador de Estado acha que pode dar título da terra para os fazendeiros, achando que é terra devoluta, mas não vê que o índio está morando nessa terra há bastante tempo. Que essa terra sempre foi do índio, porque o índio é o primeiro brasileiro, o índio é o verdadeiro dono da terra, então isso sempre foi patrimônio indígena e não só a terra mas toda riqueza que está sob a terra, castanha, borraça, é patrimônio indígena."

"E os brancos têm que respeitar os índios, o Governo tem que demarcar as terras dos índios, e nenhum fazendeiro pode invadir a terra do índio e tocar a família do índio de lá, porque o índio não é objeto que todo mundo pode pegar e pôr onde quiser, o índio não é boneca, o índio é homem, é ser humano e é o primeiro dono das terras no Brasil."

deiro pode invadir a terra do índio e tocar a família do índio de lá, porque o índio não é objeto que todo mundo pode pegar e pôr onde quiser, o índio não é boneca, o índio é homem, é ser humano e é o primeiro dono das terras no Brasil."

Aldeia padrão

Estou numa aldeia dos terenas em Limão Verde, há uns 20 quilômetros de Aquidauana. Mais um pouco e poderia chegar ao Paraguai e à Bolívia. Há um churrasco para índios e autoridades no encerramento dessa Semana do Índio.

O lugar é esplêndido. E como nós índios brasileiros estamos tão contaminados da cultura americana, não posso fugir à comparação: parece cenário de filme americano, pois tem até aquelas serras de rochas velhas ao fundo. O presidente da Funai, vindo do fabuloso artesanato da Índia Romana (terena) e os vasos dos kadiweus, enfatiza: Essa é a aldeia padrão, toda aldeia tem que ser daqui pra melhor, olha que beleza! Nós temos que aprender com os índios! E sugere que se faça um selo de chumbo da Funai para autenticar as peças de artesanato.

Olho ao redor. Acho que não pode ser aldeia padrão essa que tem a casa do chefe do posto como um verdadeiro bangalô contrastando com as palhoças dos nativos. Não é que o chefe do posto tenha que viver mal. Os índios é que devem viver melhor. Em sua tradição, certamente suas ocas eram maiores e melhores. Haveria, por acaso, algum movimento ou instrumento para restaurar o modo antigo de habitar dos terenas?

Acho que uma aldeia padrão, dentro de um sentido moderno de respeito antropológico ao índio, não deveria ter nenhuma igreja dentro de seu espaço. Impor ali uma religião, seja qual for, é uma violência. A Igreja, que já se penitenciou de tantos erros, deveria urgente corrigir este também. Manter-se à distância e com respeito. Dar exemplo ao invés de catequizar. Os protestantes também, principalmente quando envolvidos com suspeitas missões estrangeiras.

Não é de hoje que religiosos sensíveis confessam que, do ponto-de-vista moral e religioso, os índios sempre foram superiores aos invasores. E só ler Jean de Lery ou qualquer viajante que por aqui aportou e que tenha escrito com o mínimo de caráter e honestidade. E só consultar os missionários mais sensíveis, que muitos deles é que acabam-se convertendo aos índios. E só estudar o que dizem esses 40 caciques reunidos nessa Semana do Índio.

Uma aldeia padrão, enfim, não deveria ensinar somente a língua do dominador. Que muitas mães ali se queixaram de que seus filhos já não falam a língua dos pais e que na escola ensinam-se somente o português. Língua de invasor. A língua é a essência de uma nação (indígena ou civilizada). É o móvel da identidade psicológica e cultural. Por isso todo dominador começa por proibir e destruir a língua do dominado.

Ideologia terena

De alguma maneira aqueles índios ali reunidos espelham algumas realidades do Brasil. O guarani, tipo Marçal de Sousa, é o intelectual. Estranhamente ele aprendeu e desenvolveu seu vocabulário em português lendo Seleções. E de repente surge essa questão: Como pode um leitor guardar o vocabulário e não se contaminar com a ideologia do texto?

Na verdade, muitos índios, muitas tribos têm operado esse milagre: usam a gramática do branco mas continuam a fazer um discurso fundamentalmente indígena: A isso Oswald de Andrade e outros teóricos chamariam muito apropriadamente de "antropofagia cultural".

Mas muitos terenas são diferentes. Se os guaranis desenvolveram aquele mito segundo o qual se dançassem noite e dia, poderiam se tornar tão leves que seus pés sairiam do chão e os levariam à Terra sem Males, já os terenas têm os pés no chão.

Pior. Deixaram-se envolver de tal modo pelos missionários e pelos "valores ocidentais", que hoje esforçam-se por concorrer com o branco. Querem escolas, querem diplomas. Já há terenas políticos, burocratas e bolsistas nos Estados Unidos.

Não há como recriminá-los. Optaram por isto para fugir à extinção ou ao aviltamento completo. Desconfio, no en-

tanto, que mais do que uma tribo, os terenas são uma síndrome. Depois de muita morte e destruição, vão optando, vão sendo cooptados para sobreviverem. Muitos falam o português melhor que nós. Tão estrangeiros quanto Rui Barbosa que, em Londres, botou uma placa na porta de sua casa: "Ensina-se inglês".

Terenas somos todos nós nos esforçando por mostrar ao estrangeiro que podemos ser até mais estrangeiros que eles em nossa própria terra, absorvendo mitos e costumes ao mesmo tempo que exportamos nossas riquezas e nos endividamos até a alma. Somos uns índios às avessas. Não somente somos "atráidcs" pelos colonizadores graças a uma série de "intermediários" e "indigenistas". Também os "atráimos" para que tragam seus capitais, a poluição e a peste atômica que nos dizimarão a todos.

Terenas somos nós correndo mercados africanos e do "terceiro mundo" revendendo quinquilharias das multinacionais. Terenas somos nós dentro de discotecas e butiques, compristas desesperados nas avenidas do mundo. Terena é o ministro demonstrando ao gringo que pode acreditar em nós, porque somos um país (ou uma tribo) "viável". Que podem investir em nós que não os decepcionaremos.

Festa de Branco

O 1º Seminário Sul-Matogrossense de Problemas Indígenas foi certamente das coisas mais sérias e proveitosas feitas nos últimos tempos nessa matéria. Não só pela presença de dezenas de caciques representativos de grandes tribos, mas devido à presença de intelectuais, antropólogos, jornalistas e ao debate livre e democrático que se estabeleceu.

O documento final do en-

Os índios, "os primeiros brasileiros, os verdadeiros donos da terra": Juruna, as crianças e guerreiros guaranis, o menino nambiquara (chorando), o velho cacique caingangue e o garoto da tribo dos terenas.

Huidbro: "O coração é o coração do coração e fala pela boca do coração".

Mas nossa civilização seccionou a "verdade" da "fala". Separou a "lei" da "verdade" dos fatos. Por isto é que Juruna não larga o seu gravador. E é por isto que a fala da índia guató Josefa emocionou a todos os assistentes. E essa voz ouvida por Darcy Ribeiro emocionou também o Governador Marcelo Miranda. E é por causa dessa voz que uma tribo de índios, já quase totalmente extinta, vai renascer.

Uma tribo vai renascer. A dos guatóis. Índios que viviam sempre em seus barcos e que aprenderam a desenvolver uma agricultura em canteiro que erguiam acima do nível das águas, esses índios foram sendo aos poucos dizimados na medida em que o gado e os fazendeiros avançavam sobre o pantanal. Agora o Governador lhes restituirá a Ilha Bela Vista onde sempre viveram com seus barcos.

Nem tudo, portanto, está perdido.

Várias tribos podem renascer. Os 40 caciques ali reunidos começaram a articular a existência de uma federação ou uma união de nações indígenas como uma maneira de se conhecerem e se protegerem mutuamente. E se os índios que são a raiz de todos nós resistiram a 500 anos de massacre e podem renascer, então é possível que até nós, índios de segunda classe, aculturados e desfrizados pelas multinacionais de ontem e hoje, possamos também resistir e reviver.

É uma luta irrecusável e, para muitos, mortal. Conheceremos todos aquele Livro Coração na Curva do Rio, onde são narradas as atrocidades da colonização. Americano do Sul, corrijo: enterrem meu coração na Serra da Bodoquena.

O que talvez seja difícil, pois aquele fértil terreno dos Kadiweus pertence hoje a Rockefeller e a Walter Moreira Salles. Meu coração e meu corpo, como o dos índios, aguarda um espaço para viver (ou morrer).



Affonso Romano de Sant'Anna, poeta, é autor de livro A Grande Fala do Índio Guarani. Professor de História e Outras Derritas em diversas universidades americanas e europeias, além do PUCR.